

FATEP – FACULDADE DE TECNOLOGIA PAULO FREIRE  
UNAT - BRASIL – UNIÃO NACIONAL DE ANALISTAS TRANSACIONAIS  
ANDRÉA SANTIAGO AFONSO

## **Orientação de pais e educação dos filhos: um espaço para repensar nas Carícias**

**Orientação de pais e educação dos filhos: um espaço para repensar nas  
Carícias**

UBERLÂNDIA-MG  
2011

## Orientação de pais e educação dos filhos: um espaço para repensar nas Carícias

Andréa Santiago Afonso

FATEP – Faculdade de Tecnologia Paulo Freire

UNAT – BRASIL – União Nacional dos Analistas Transacionais

### RESUMO

O objetivo do presente estudo é compreender como a Análise Transacional especificamente, o conceito de Carícias na orientação de pais, pode auxiliar nas relações mais saudáveis com os filhos, que apresentem alguma queixa ou sintoma e/ou dificuldades de aprendizado em casa, e qual a sua importância para a adaptação que culminou no processo de desenvolvimento emocional da criança. O papel do pai/mãe que, quando se pai, se assume internamente e especificamente, e se responsabiliza com a educação do filho, e trabalha para melhorar a relação com o filho, apresenta um resultado bem mais satisfatório. Além disso, os dados obtidos indicam a importância da orientação de pais em direção a um desenvolvimento saudável para o desenvolvimento saudável e saudável da criança, como exemplo, neste trabalho de orientação de pais.

**Palavras-chave:** Orientação de pais, Análise Transacional

### Introdução

Desde os anos 1950, a Análise Transacional tem sido uma das abordagens mais utilizadas na psicologia, sendo considerada uma das mais importantes e eficazes para o tratamento de problemas psicológicos.

A Análise Transacional é uma abordagem psicológica que se baseia na ideia de que o indivíduo é composto por três estados de consciência: o Estado da Criança, o Estado do Adulto e o Estado do Pai.

O Estado da Criança é o estado de consciência em que o indivíduo se sente vulnerável, inseguro e dependente. É o estado em que o indivíduo se sente mais próximo da infância e mais aberto a receber carinho e atenção.

O Estado do Adulto é o estado de consciência em que o indivíduo se sente seguro, confiante e independente. É o estado em que o indivíduo se sente mais próximo da maturidade e mais capaz de tomar decisões e resolver problemas.

O Estado do Pai é o estado de consciência em que o indivíduo se sente responsável, protetor e controlador. É o estado em que o indivíduo se sente mais próximo da paternidade e mais capaz de cuidar e educar os filhos.

A Análise Transacional busca compreender como esses estados de consciência se relacionam e influenciam o comportamento e as emoções do indivíduo.

Uma das principais contribuições da Análise Transacional para a psicologia é a ideia de que o indivíduo não é apenas um ser biológico, mas também um ser psicológico e social.

Isso significa que o indivíduo é influenciado por fatores internos, como os estados de consciência, e por fatores externos, como as relações sociais e o ambiente.

Portanto, a Análise Transacional oferece uma visão mais holística e integrada do indivíduo, considerando tanto os aspectos biológicos quanto os psicológicos e sociais.

Essa abordagem tem sido amplamente utilizada em diversos contextos clínicos, educacionais e de desenvolvimento pessoal.

Além disso, a Análise Transacional também tem sido utilizada para compreender e melhorar as relações interpessoais, especialmente no contexto da orientação de pais.

UBERLÂNDIA-MG

2011

Artigo apresentado ao programa de Pós-graduação em Análise Transacional da UNAT – BRASIL - União Nacional dos Analistas Transacionais - em parceria com a FATEP – Faculdade de tecnologia Paulo Freire, como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Análise Transacional.

Área de concentração: Psicologia

Orientadora: Ede Lanir Ferreira Paiva

## **Orientação de pais e educação dos filhos: um espaço para repensar nas Carícias**

Andréa Santiago Afonso<sup>1</sup>

FATEP – Faculdade de Tecnologia Paulo Freire  
UNAT – BRASIL – União Nacional dos Analistas Transacionais

### **RESUMO**

O objetivo do presente estudo é compreender como a Análise Transacional, especificamente, o conceito de Carícias na orientação de pais, pode auxiliá-los em uma conduta mais saudável com seu filho que apresenta alguma queixa em relação a comportamentos inadequados. Para tanto, foi realizado estudo de caso, com pais de crianças que estão em processo terapêutico. Ao final deste estudo pode-se identificar a importância da orientação aos pais, com intuito de auxiliá-los quanto à conduta mais adequada, que colaborem no processo do desenvolvimento saudável da criança. Foi percebido também que, quando os pais se dispõem internamente a repensarem seu papel e se responsabilizarem com a formação do filho, o trabalho psicoterápico com essas crianças apresenta um resultado bem mais satisfatório. Além disso, as contribuições teóricas da Análise Transacional, quanto à importância dos pais em darem estímulos positivos que corroboram para o crescimento saudável e autonomia da criança, foram visíveis neste trabalho de orientação de pais.

**Palavras-chave:** Orientação de pais, Análise Transacional, Comportamento.

### **Introdução**

Diante de várias referências históricas sobre a família, não encontram-se registros, até o século XII, de aspectos que dão indício à fase infantil. Hoje, a noção de infância passa pelo crivo dos conceitos técnicos e científicos, sob a luz da Psicologia, Sociologia e da Medicina, trazendo um olhar mais criterioso frente à sociedade.

As mudanças ocorridas na sociedade provocaram um impacto que refletiu na individualização do sujeito. Os pais cada vez mais presos a suas rotinas e seus filhos cada vez mais sozinhos. Frente a isso, à criança do mundo moderno é exigido maior responsabilidade, pressa em 'adulterecer', e em apresentar um comportamento adequado, porém os pais esquecem que seus filhos estão em um processo de aprendizado.

Em uma visão sistêmica, existe uma necessidade de limites bem estabelecidos entre pais, filhos, irmãos, cada um com papéis e funções bem definidas para um

---

<sup>1</sup> Psicóloga, e-mail: [asantiagoafonso@yahoo.com.br](mailto:asantiagoafonso@yahoo.com.br)

ambiente propício ao desenvolvimento. A família tem como objetivo proteger psicossocialmente e promover a independência, preparando os jovens para a vida adulta na sociedade, além de ser a principal responsável pelo processo de identidade da criança. Esta encontra na família e aprende com ela o seu modo de existir, no qual seu mundo passa a ter significado e ela começa a se constituir na condição de sujeito. Isso ocorre pelo processo da troca intersubjetiva, construída na afetividade, constituindo o primeiro referencial para a constituição identitária.

Após fazer esses apontamentos históricos em relação à família e à infância, deve-se pensar como esses fatores, influenciam hoje na criação dos filhos, e quais são as queixas que chegam ao consultório de psicologia. Algumas delas são relacionadas aos transtornos de conduta, dentre eles, problemas de socialização na escola, de concentração, indisposição com colegas e professores, e também comportamento agressivo e sintomas psicossomáticos, resultados das dificuldades no núcleo familiar. Além disso, algumas queixas são anteriores ao nascimento dos filhos, por isso essas crianças devem adaptar-se às influências das figuras parentais.

De acordo com Kertész (1974, p. 211) “as crianças pequenas, por serem mais sensíveis e dependentes dos estímulos ambientais, são emergentes de problemas familiares mais profundos, porém menos aparentes, sendo elas utilizadas como bode expiatório”.

As queixas citadas acima não é uma problemática da contemporaneidade, porém existe hoje uma ênfase maior sobre esses problemas, diferente de outras décadas. A forma de olhar para essas questões sofreu modificações decorrentes das transformações acerca da infância.

O objetivo desse estudo é compreender como a Análise Transacional, utilizando especificamente o conceito de Carícias na orientação de pais, pode auxiliá-los em uma conduta mais saudável com o filho, quando este apresenta alguma queixa em relação a comportamentos inadequados.

A Análise Transacional na orientação de pais tem como propósito, orientar e instruir, não tendo, assim, o objetivo de intervenção terapêutica. Nesse sentido, é importante verificar o quanto os pais estão reforçando os comportamentos inadequados de seus filhos. Os pais, na medida em que forem compreendendo a necessidade dos filhos, oferecendo Carícias positivas para os comportamentos adequados, irão contribuir nos aspectos da saúde mental, melhorando a auto-estima e auto-confiança da criança.



### **O papel dos pais na educação dos filhos**

Várias mudanças vêm ocorrendo ao longo dos séculos, e uma dessas transformações ocorrem na estrutura familiar e também na adequação do conceito de infância nos dias atuais.

Diante de várias referências históricas sobre família, não foram encontrados registros até, o século XII, sobre a fase infantil. A partir dessa constatação, pode-se levantar a hipótese de que esta fase não era considerada ou tratada com a devida relevância, como nos dias de hoje.

Como aponta Levin (1997), a infância era desconhecida pela ciência até o século XVIII, porque não havia um espaço para a criança naquela sociedade.

A infância sempre existiu, desde os primórdios da humanidade, mas a sua percepção, enquanto construção e categoria social, dotada de uma representação é sentida a partir dos séculos XVII e XVIII. Sobre a data do surgimento da infância, Carvalho (2003, p.47), aponta a seguinte afirmativa: “A aparição da infância ocorreu em torno do século XIII e XIV, mas os sinais de sua evolução tornaram-se claros e evidentes, no continente europeu, entre os séculos XVI e XVII no momento em que a estrutura social vigente (Mercantilismo) provocou uma alteração nos sentimentos e nas relações frente à infância”.

A palavra Infância tem sua origem do latim, *infantia*, e significa “incapacidade de falar”, considerando que a criança, antes dos 7 anos, não teria condições de falar, de expressar seus pensamentos e sentimentos. Desde o início, a palavra infância carrega consigo o estigma da incapacidade, da incompletude perante os mais experientes, relegando-lhes uma condição subalterna diante dos membros adultos. Era um ser anônimo, sem um espaço determinado socialmente (CORDEIRO E COELHO, 2006)

Seguindo uma forma de organização social da família tradicional, até esse período, a fase da “infância” tinha uma curta duração, restringindo-se apenas a sua etapa de fragilidade física. Ao adquirir uma certa independência, era imediatamente conduzida ao convívio adulto, compartilhando de seus trabalhos e jogos, sem estar plenamente preparada física e psicologicamente para tanto. Neste sentido, Áries (1975) reforça esse entendimento com o seguinte posicionamento:

De criancinha pequena, ela se transforma imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude, que talvez fossem praticadas antes da Idade Média e que se tornaram aspectos essenciais das sociedades evoluídas de hoje. (ÁRIES, 1975, p. 10)

Nesse período, a transmissão de valores e dos conhecimentos estava vinculada ao contato das crianças com os jovens ou os adultos por meio de um processo de socialização. Era uma aprendizagem de cunho prático, baseada na observação do trabalho desempenhado pelos mais experientes. (CORDEIRO E COELHO, 2006)

Ao ser estabelecido uma nova ordem social, no fim do século XVII, foram notadas algumas mudanças consideráveis alterando a estrutura até então em vigência. Com isso, sentiu-se a necessidade da criação de escolas como um dos mecanismos de fornecimento da formação inicial aos pequenos, a fim de dominarem a leitura, a escrita e a aritmética, como mais um dos artifícios de preparação para a vida adulta. (CORDEIRO E COELHO, 2006).

A escola passou a substituir a aprendizagem obtida empiricamente pela observação dos mais experientes. O advento da escola moderna está atrelado ao surgimento de um novo sentimento do adulto para com as crianças, implicando cuidados especiais. Esse movimento foi promovido pelo catolicismo e protestantismo.

O período, entre os anos de 1850 e 1950 foi delimitado como o momento do ápice da infância tradicional com o desenvolvimento das ciências humanas e conseqüente compreensão acerca dessa fase da vida humana. As crianças foram retiradas das fábricas e novamente inseridas em contextos promotores de aprendizagens sistematizadas, sendo as instituições educativas os locais mais apropriados para esses propósitos. (CORDEIRO E COELHO, 2006)

Com a consolidação do protótipo de família, em fins do século XIX, como dever, coube aos pais assegurar, com maior responsabilidade, o bem-estar das crianças, garantindo os direitos que lhes assistem e maiores cuidados físicos. A noção de infância, agora, passa pelo crivo dos conceitos técnicos e científicos. Essa análise é respaldada e analisada à luz da Psicologia, da Sociologia, da Medicina, dentre outros campos do saber, passando a emitir um parecer científico a respeito dessa fase da vida humana, adquirindo essas constatações uma maior respeitabilidade frente à sociedade. (CORDEIRO E COELHO, 2006)

O cenário em que a concepção clássica de infância pôde edificar-se começou a mudar em meados da década de 1950, em que as condições sócio econômicas e culturais também começaram a alterar-se intensa e velozmente, implicando modificações profundas na própria infância. São exemplos de agentes importantes de tal mudança: a saída das mulheres do lar para o ingresso no mercado de trabalho, o aumento significativo e sempre crescente do número de divórcios, o desaparecimento de uma rede comunitária de apoio à educação das crianças, a recessão econômica, obrigando a um aumento da jornada de trabalho e o incremento do papel da mídia na vida diária das crianças, que se tem tornado cada vez mais intenso. (STEINBERG E KINCHELOE, 2001)

A partir da idéia de proteção, amparo, dependência, é que surge a infância. As crianças, vistas apenas como seres biológicos, necessitavam de grandes cuidados, e também, de uma rígida disciplina, a fim de transformá-las em adultos socialmente aceitos. Para Áries (1975), a idéia de infância estava ligada à dependência. Só se saía da infância ao se sair da dependência, ou, ao menos, dos graus mais baixos da dependência.

Além das transformações citadas acima, percebe-se também a transformação dos agentes primários, ou seja, os que contribuem para a socialização da criança; anteriormente esse espaço era de responsabilidade da família e da escola. Hoje as mídias, principalmente a televisão, acabaram ocupando esse lugar e roubando a cena, constituído-se num dos principais meios de divulgação de informação e de acesso ao mundo.

Diante das mudanças históricas e econômicas, esses elementos provocam um impacto no estilo de vida. Atualmente a característica presente na sociedade é a individualização do sujeito. Os pais cada vez mais presos a sua rotina e seus filhos cada vez mais sós, mais expostos à influência da televisão (comerciais e informações diversas) nos valores, regras, modas e na forma de atuar na vida. Se essas informações forem internalizadas sem o suporte de um adulto, sem um apoio de uma referência, como o pai ou mãe, podem impactar de uma forma negativa o desenvolvimento da personalidade do indivíduo (CORDEIRO E COELHO, 2006).

A criança contemporânea é estimulada a assumir responsabilidade no meio circundante, porém não tem o desenvolvimento emocional necessário para lidar com essas responsabilidades. Essas crianças são inteligentes e criativas, por isso precisam ser ouvidas e consideradas como parte integrante da sociedade. Mesmo tendo adquirido



uma certa independência desde cedo, é inestimável o apoio, a proteção e o contato do adulto, auxiliando-as nas suas escolhas, na constituição dos princípios e valores baseados na justiça e na solidariedade, proporcionando a construção de um olhar crítico frente ao mundo que as envolve. Só assim, as crianças estarão sendo preparadas para viverem plenamente nesses novos tempos (CORDEIRO E COELHO, 2006).

Existe uma exigência dos pais, e/ou cuidadores, para que as crianças sejam extremamente responsáveis e que apresentem um comportamento adequado, porém esquecem que elas estão em um processo de aprendizagem e que necessitam de um modelo para que possam aprender. Se, cada vez mais, seus cuidadores estão longe dessa responsabilidade, transferindo isso para outro espaço, por exemplo, a escola, fica a questão: de quem é a responsabilidade de educar?

Diante de tantas transformações, hoje existe uma tentativa de revalorização da família na sua função socializadora. Mais que isso, é convocada a exercer autoridade, definir limites, esperando que essa socialização seja mais disciplinadora e menos permissiva junto às crianças e adolescentes. Espera-se hoje que a família seja mais participativa em relação à vida de seus filhos (CARVALHO, 2002).

Szymanski (2004) diz que a família é uma união exclusiva de um homem e uma mulher, que se inicia por amor com a esperança de que o destino lhes seja favorável e que ela seja definitiva. Um compromisso de acolhimento e cuidado para com as pessoas envolvidas e expectativa de dar e receber afeto, principalmente em relação aos filhos. Isso dentro de uma ordem hierárquica estabelecida num contexto patriarcal de autoridade máxima que deve ser obedecida a partir do modelo pai-mãe-filhos estável.

É importante ressaltar que o processo de socialização se dá no convívio familiar e tem como finalidade transmitir hábitos, valores, crenças e conhecimentos que se acredita serem úteis para a inserção dos filhos na sociedade. Trata-se de um agir que, em geral, é aprendido por imitação e tende a repetir padrões vividos pelos pais em suas famílias de origem, além de carregar a crença de conhecimentos e habilidades inatas para o desempenho da função de pai e mãe. (SZYMANSKI, 2004)

Neste sentido é fundamental que os pais compreendam o mundo da criança, para que possam construir um relacionamento mais saudável. A criança encontra um mundo organizado, segundo parâmetros construídos pela sociedade, como um todo e assimilados pela família que, por sua vez, também carrega uma cultura própria. Essa cultura familiar que lhe é específica apresenta-se impregnada de valores, hábitos, mitos,



pressupostos, formas de sentir e de interpretar o mundo que definem diferentes maneiras de trocas intersubjetivas e, conseqüentemente, tendências na constituição da subjetividade (SZYMANSKI, 2004).

Os pais definem a realidade usando os princípios básicos da aprendizagem, mesmo que nem sempre estejam conscientes disso. Eles promovem atenção e Carícias em troca de algumas coisas que a criança faz, enquanto ignoram ou punem outros tipos de comportamento. Assim, forma-se de maneira seletiva o comportamento das crianças e provem recompensas e punições por determinadas ações. Conseqüentemente, as crianças se adaptam às expectativas e à visão da realidade de seus pais. (BABCOCK E KEEPERS, 1976).

Além disso, sabe-se que a família tem papel fundamental não só no processo de formação social da criança, mas também no seu desenvolvimento fisiológico e psicomotor. Como aponta Crossman, (1976), uma criança só sobrevive e desenvolve-se intelectualmente se a mãe, ou sua substituta, puder dar comida, conforto físico e estimulação adequada.

### **Análise Transacional e Carícias**

A Análise Transacional é um método psicoterapêutico, criado por Eric Berne, que possibilita ensinar as pessoas a se comunicarem construtivamente, sem distorções. Ela enfatiza a importância dos contratos terapêuticos e das decisões conscientes, tomadas no contexto do processo terapêutico, que dizem respeito à responsabilidade do paciente consigo mesmo (SCHLEGLE, 1998).

É uma abordagem racional para se entender o comportamento e se baseia em assumir que cada indivíduo pode aprender a confiar em si mesmo, pensar sozinho, tomar suas próprias decisões, e exprimir seus próprios sentimentos. Seus princípios poderão ser aplicados no trabalho, em casa, na escola, com os vizinhos, em qualquer parte que houver um relacionamento humano. (JAMES E JONGEWARD, 1975).

É uma filosofia de vida, uma tomada de posição quanto ao ser humano, e um conjunto de técnicas de mudança positiva. Estuda as trocas de estímulos e respostas, ou transações, entre indivíduos (KERTÉSZ, 1985).

São 10 conceitos apresentados por esse método, porém, será ressaltado apenas um deles devido à importância para se trabalhar na orientação de pais: o conceito de

Carícias, que “são estímulos sociais dirigidos de um ser vivo a um outro, o qual, por sua vez, reconhece a existência daquele” (KERTÉSZ, 1985, p. 71).

Kertész (1985, p. 71) diz que dentro do útero materno o feto se acha em contato íntimo e total com a mãe em toda sua superfície corporal. Ao nascer, esta intimidade física se interrompe abruptamente e para sempre. A partir desse momento começam novas atribuições: a maior parte da energia se dirigirá a restabelecer o melhor que possa e, ainda que parcial e simbolicamente, o estado intra-uterino ideal. Vai-se em busca de ser abraçado, acariciado, abrigado, alimentado, estimulado, elogiado. Se isso não é possível, o homem atua no sentido de ser agredido ou consolado, pelo menos.

As carícias garantem a sobrevivência, elas são usadas como recompensas para auxiliar a aprendizagem e para manter padrões sociais. O ser humano é acariciado porque existe; e também acariciado por fazer os atos, e não acariciado por fazer outros. (BABCOCK E KEEPERS, 1976).

As carícias físicas são componentes particularmente importantes na sobrevivência de todas as crianças. A quantidade de carícias não é o único fator, a maneira como as crianças são acariciadas ajuda-as a definir o seu mundo: rude, gentil, seguro, indiferente. Carícias físicas adequadas recebidas na infância formam a base a partir da qual cada um, individualmente, caminha para um enfoque mais ativo do mundo. À medida que crescemos, passamos a aceitar também outras carícias: um sorriso, um franzir de sobrancelhas, palavras elogiosas ou punição. (BABCOCK E KEEPERS, 1976).

Exemplo de Carícias Incondicionais Positiva: “Eu amo você”; Carícias Condicionais Positiva: “Ficarei satisfeita e elogiarei você se fizer todas as suas tarefas da escola.”; Carícias Incondicionais Negativas: “Odeio você. Queria que nunca tivesse nascido.”; Carícias Condicionais Negativas: “Ficarei zangada e baterei em você se não guardar seus brinquedos”.

A pessoa aprende maneiras individuais de dar e obter Carícias na família em que é criado; também é ensinado aos filhos, os próprios padrões familiares de Carícias. O tipo de Carícias que se aprende a preferir, quando criança, é o que se procura durante toda a vida, a não ser que se esforce por alterar as próprias preferências e técnicas para obter Carícias.

Em algumas famílias, as Carícias disponíveis são as negativas; dessa forma, os seus membros acabam por desenvolver uma preferência por Carícias negativas. E isso

levanta um questionamento: como pode alguém desenvolver uma preferência por algo que não é agradável?

A preferência por Carícias negativas é desenvolvida, quando, dependendo da situação, a criança é ignorada a não ser que algo errado ocorra. Dessa forma Carícias negativas são preferíveis à ausência de Carícias. Em casos que a criança é negligenciada pela família até que comece a causar problemas, aprende a ser indisciplinada, para que, assim, obtenha as Carícias de que precisa para sobreviver.

Um aspecto importante é que as crianças necessitam de Carícias diferentes em idades diferentes, os bebês precisam de aconchego, as crianças maiores necessitam tanto de conversar quanto de serem abraçadas. Dessa forma, muito dos pais precisam refazer os conceitos a respeito de cada tipo de Carícias, as que são saudáveis e as que não são saudáveis. Em alguns estágios algumas Carícias são adequadas outras são impróprias. (BABCOCK E KEEPERS, 1976).

Nesse movimento, uma crença a respeito das Carícias vai surgindo, “não peça o que deseja”. E por isso surge a extorsão de Carícias, “uma forma de obter atenção de uma outra pessoa mesmo que esta pessoa não queira dar livremente sua atenção a ela” (ERSKINE, 1980).

### **Orientação de Pais: Um estudo de caso**

A forma de tratamento infantil, até alguns anos atrás, era exclusivamente com criança pequena e esperava-se não somente a modificação de sua personalidade como também de seus familiares. Esse tipo de prática foi praticamente abandonado na atualidade, e qualquer que seja a orientação do psicoterapeuta, é importante que o psicólogo inclua os pais em seu programa, como pacientes individuais e em grupos de orientação, ou terapia familiar, a teoria e a técnica da Análise Transacional concorda com esse enfoque (KERTÉSZ, 1974).

A finalidade da orientação dos pais é de instruir, não tendo como objetivo uma intervenção terapêutica, mas sim um espaço para falar de suas angústias, pensamentos e sentimentos em relação à demanda da criança. A Análise Transacional é uma teoria simples, a linguagem utilizada é de fácil compreensão, o que permite todas as pessoas compreendê-la com clareza. Assim, percebe-se sua eficácia na orientação dos pais, pois eles conseguem tomar consciência a respeito de seus comportamentos e sentimentos em



relação a seus filhos, possibilitando examinar suas qualidades como pais e, como isso, está impactando na formação da personalidade da criança.

A principal demanda observada na experiência de consultório é no aspecto comportamental e, por isso, a autora nota a importância em avaliar o padrão de Carícias que está sendo aprendido no sistema familiar. Mas antes de iniciar a orientação dos pais, é importante no primeiro contato com eles, esclarecer a queixa, quais são as expectativas em relação ao processo da criança e também o que esperam em relação ao psicólogo.

A Análise Transacional enfatiza o contrato terapêutico, de acordo com Steiner (1976), “é um acordo entre a pessoa e o seu ou sua terapeuta, que deposita responsabilidade sobre ambas as partes envolvidas. O cliente pede ajuda e dá todo o consentimento e cooperação para o processo da psicoterapia, e o terapeuta aceita a responsabilidade de ajudar a efetuar as mudanças desejadas, e de e manter dentro dos limites do contrato”. Os pais fazem parte desse primeiro contrato e, em outro momento, o terapeuta fará o contrato com a criança.

Muitas vezes, os pais acreditam que o profissional irá dizer o que deve ser feito, o que é certo ou errado, mas, ao contrário do que pensam, o papel do psicólogo é norteá-los, de acordo com as crenças e os valores da própria família.

Após compreender a queixa e as expectativas, deve ser dito aos pais que a orientação é um espaço em que é possível falar sobre suas angústias, medos, dúvidas, pensar em outras formas de lidar com os problemas que a família está vivendo em relação ao comportamento inadequado da criança. Nesse sentido, alguns aspectos importantes devem ser trabalhados na orientação dos pais: função dos pais, a teoria de Carícias, padrão de Carícias.

Baseando-se nas idéias dos autores citados no capítulo anterior, observa-se na prática que, a forma com que a criança lida com o ambiente, é aprendida com os pais. São eles que estimulam os comportamentos dos filhos e as crianças respondem ao que é esperado. Caso a família dê mais atenção a condutas inadequadas, eles estarão estimulando esses comportamentos, mas se existe atenção, elogios, em aspectos positivos, as crianças apresentaram condutas mais adequadas.

A função básica dos pais é orientar e alimentar um ser completamente dependente, que não poderia sobreviver de outro modo, até que alcance um ponto de auto-suficiência adequada. Para que os pais tenham uma tarefa de sucesso, é importante

que eles conheçam as necessidades de seus filhos, e como as crianças expressam essas necessidades, para que assim, possam responder de forma adequada e auxiliando o seu desenvolvimento. É importante lembrar que as necessidades de cada filho mudam radicalmente à medida que eles se desenvolvem, portanto, a compreensão das necessidades da criança em estágios diferentes do desenvolvimento é importante, para que eles possam reconhecer e responder de maneira correta.

É fundamental compreender, também, que as condições sociais, econômicas e culturais começaram a se alterar em meados dos anos cinquenta, implicando modificações na própria infância. São agentes importantes para tal mudança: o ingresso da mulher no mercado de trabalho, o aumento significativo do divórcio e os novos modelos de constituição familiar, aumento da jornada de trabalho e o incremento da mídia na vida das crianças.

Depois de compreenderem os aspectos acima, os pais precisam saber, ainda, qual é o seu papel, pois muitos ficam confusos em sua função. Outro ponto importante é que cada família tem valores e culturas diferentes, por isso é preciso ter cuidado para que o psicólogo não julgue, tomando como referência apenas seus próprios valores e crenças.

Em outro momento pode-se trabalhar a teoria de Carícias, compreendendo, primeiramente, seu conceito e sua importância no processo de desenvolvimento do indivíduo. Tal teoria ressalta a necessidade que todos seres humanos têm de serem reconhecidos. Uma forma potente e a mais efetiva de satisfazer a nossa necessidade de estimulação é o contato físico com outro ser humano. E uma das fontes de Carícias mais importantes, esta na família.

Assim, pode-se afirmar que uma das funções mais importantes dessa entidade é formar uma unidade capaz de satisfazer às necessidades de cada um de seus membros. O funcionamento satisfatório da família supre as necessidades dos seus membros durante a maior parte do seu tempo. (BABCOCK E KEEPERS, 1976).

Diante do grande valor desse conceito, e quanto esses aspectos influenciam no comportamento das crianças, é importante que os pais tenham consciência dos padrões de Carícias que estão ensinando aos seus filhos, e também repensar a respeito do seu próprio padrão de Carícias.

Para isso, durante as sessões de atendimento aos pais, são abordadas e discutidas as quatro categorias de Carícias: positiva, negativas, incondicionais e condicionais.

Essas quatro categorias ajudam a examinar o tipo de Carícias que se está recebendo. Também é possível usá-las para descobrir o tipo de Carícias que se deseja e que não se está obtendo.

É importante o psicólogo, na orientação de pais, expor para família que um sistema de Carícias Positivas, tornar-se mais efetivo e cooperativo, nesse ambiente a relação interpessoal baseia-se no pressuposto que não há escassez das necessidades, oferecendo oportunidade para que cada um tenha tudo o que necessita (STEINER, 1976).

Caso ocorra algum tipo de restrição de Carícias, haverá problemas, como por exemplo, dificuldade em pedir o que necessita de forma clara. Surge nesse meio, uma crença de que não há Carícias suficientes a serem oferecidas. E então nesse ambiente passa a ter uma “escassez” de Carícias, perpetuando a idéia de que nem todos têm direitos iguais na família.

Diante da escassez, surge a manipulação para obter Carícias, por acreditar que, para obtê-las deve competir. As crianças são treinadas em seu meio, elas podem aprender a ameaçar, brigar entre outros comportamentos que tomam lugar da discussão e da negociação. Ao completarem três anos podem participar das discussões e negociações. Elas necessitam de um treino ativo nesses aspectos, pois aprendem por meio da observação do comportamento dos pais.

Para que se possa desenvolver um sistema de Carícias livre, é importante que os pais e os filhos aprendam a solicitar de forma mais direta suas necessidades, se possível, a maior parte do tempo. O indivíduo, ao pedir ao outro aquilo que quer, não se rouba, nem se engana; apenas declara sua posição e necessidades. Para a autora fica claro o quanto as famílias têm dificuldades nesse aspecto, e, por isso, é cada vez mais crescente a demanda em identificar e discutir sobre os comportamentos inadequados.

Todos têm necessidades em ser reconhecidos, e quando isso não ocorre, pode haver cooperação e negociação para satisfazê-las, além de ser importante apreender a lidar com a frustração, pois nem sempre é possível satisfazê-la imediatamente, e por isso, os pais são responsáveis pelo estabelecimento de prioridades, pois são eles que irão ajudar seus filhos a lidar com a procrastinação e frustração.

Muitas pessoas conservam a fantasia da criança de que, se não conseguirem o que querem imediatamente, jamais o conseguirão. Inúmeras vezes, os pais encorajam essa fantasia respondendo aos pedidos assim: “Vamos ver” ou “Mais tarde, talvez”, sem



jamais cumprir as promessas. Os direitos dos filhos são respeitados quando seus pedidos são levados em consideração de maneira total. Se não se pode satisfazer uma de suas necessidades imediatamente, eles precisam saber quando: “Não posso abraçar você agora, Júlia, porque estou com as mãos sujas. Vou lavá-la e voltarei daqui a cinco minutos”.

Afirmções do tipo: “Você nunca me deixa brincar na casa de meu amiguinho” ou “Por que tenho sempre que cuidar de vocês?” ou “Reclamar, reclamar, é só o que sabe fazer” constituem meios de justificar a idéia de que a cooperação não é possível.

As questões a respeito de escassez, aprender a solicitar, lidar com a frustração dos filhos, negociar e cooperar, são aspectos a serem discutidos na orientação de pais, pois na maioria das vezes essa é a grande dificuldade da família. Isso confirma, mais uma vez, a pertinência em se trabalhar a teoria de Caricias com os pais.

Aqui, observa-se que alguns deles conseguem fazer diferente, mas outros têm mais dificuldade, pois terão que rever o que foi aprendido, abrir mão de crenças, o que nem sempre é muito fácil, pois existe uma fala comum de que a “forma como foi feito comigo deu certo, com meus filhos também tem que dar certo”. Por isso é importante estar aberto para pensar sobre suas próprias dificuldades.

Quando a criança chega com demanda de mau comportamento, manifestando-o na escola ou em outros lugares que costuma freqüentar, a autora tem por hábito perguntar para os pais, “O que será que seu filho está necessitando? Ou está pedindo?”

A criança sinaliza em seus comportamentos o que se passa em seu mundo interno e, por isso, é necessário que os pais ou responsáveis estejam atentos a tais comportamentos, percebendo suas demandas e identificando os possíveis conflitos ou angústias da criança.

Neste sentido, o psicólogo deve auxiliar os pais, a pensarem em suas dificuldades, buscando maneiras de se fazer diferente. Isso pode ajudar a evitar vários conflitos na relação pai e filho, favorecendo o desenvolvimento adequado da criança.

Sabe-se que vários comportamentos são estimulados pelo castigo, cita-se um exemplo clínico: “Uma criança de sete anos, sempre é deixada de castigo e recebe broncas frequentemente por não fazer suas tarefas ou por não ser feito no horário que foi estipulado, brigar com o irmão mais novo e com seus colegas de escola. E, por isso, sua mãe a deixa de castigo, sem poder ver seu programa predileto na TV e também passear de bicicleta.

É sabido também, que os castigos estão quase sempre relacionados a coisas que as crianças gostam de fazer. O castigo no primeiro momento é eficaz, mas com o passar do tempo pode deixar de surtir efeito. No caso acima, observou-se que, com o passar do tempo a criança ficou mais arredia, “mal educada”, e a sua mãe mais irritada, conforme relato da própria mãe.

Além disso, quando a criança fazia algo positivo como, apresentar um bom desempenho na avaliação escolar, cumprir com suas obrigações, fazer um belo desenho, conseguir consertar algo, dificilmente ela recebia elogios. Sua mãe, por várias vezes, respondia rapidamente, para “livrar-se” da filha, e algumas vezes dizendo que não faz mais que a sua obrigação, ou até mesmo “quando tinha sua idade meus pais não precisavam me pedir nada, eu fazia sem ser mandada”.

Utilizando esse exemplo para um questionamento, qual será o comportamento mais freqüente? É provável que será aquele em que a criança obtém mais atenção, nesse caso, manterá o comportamento inadequado.

Foi questionado à mãe sobre a freqüência dos elogios: se ela abraçava e qual era a disponibilidade de estar realmente com a criança. A mãe percebeu que, na maior parte em que ela estava com a filha, sempre brigava e se irritava e não tinha muito tempo para fazer as atividades com ela, por ficar pouco tempo em casa.

Foi importante a mãe perceber qual era a sua conduta em relação à filha, e tomar consciência do Padrão de Carícias que estava sendo internalizado por ela. Diante disso, foi importante propor que ela elogiasse, estimulasse características positivas, estivesse atenta ao que a criança solicitava e em relação aos comportamentos inadequados que ela percebia, se caso pudesse ignorá-los, que assim o fizesse.

Outro aspecto questionado foi quanto ao horário de estudo, ressaltando a importância de se estabelecer um momento adequado e a mãe percebeu que, após a chegada da escola, era mais tranquilo, pois no período da manhã ela sentia mais sono. E assim o período da manhã ficou mais tranquilo para ela, que foi percebendo que a dificuldade nas tarefas não era apresentada com tanta freqüência e que ela estava mais disposta.

Como as brigas e a irritação diminuíram, foi aberto um espaço para estar verdadeiramente uma com a outra, dessa forma, havia mais disponibilidade para dar e receber Carícias positivas.

Assim, ressalta-se a idéia de que ser pai é estar aberto a reaprender e estar atento à necessidade de um pequeno ser ainda dependente, que está em construção e, por isso, percebendo um padrão de Carícias que não é saudável, este pode ser modificado, e, dessa forma a criança terá na sua vida adulta, relacionamentos e condutas mais saudáveis.

A autora acredita que a orientação de pais seja um trabalho preventivo e que a demanda pode parecer simples na infância, mas pode se agravar no decorrer dos anos, prejudicando as relações interpessoais e outros aspectos da personalidade da criança.

Aprender a dar Carícias positivas, pode parecer simples, mas, se o ambiente em que os pais foram criados não foi abundante de Carícias Positivas, provavelmente eles terão dificuldade em receber e dar Carícias positivas, e essa dificuldade será apresentada na relação com os filhos. Desenvolver um padrão de Carícias positivas é abrir mão de crenças familiares, é repensar a maneira com que foi criado e também estar aberto a se desenvolver emocionalmente. E, dessa forma, cumprir o papel de pais de forma mais saudável.

### **Conclusão**

É fato que até o século XVII a criança não tinha visibilidade e não era reconhecida em seu espaço e função. O que se comprova pela falta de documentos ou registros sobre esta etapa da vida. Até esse momento, apenas quando se chegava à fase adulta que o sujeito era reconhecido enquanto ser social.

Estudos sistemáticos sobre a infância surgiram no início do século XVIII, onde começaram a se preocupar com o bem-estar infantil e, a partir disso, a reconhecer a necessidade de conhecê-las.

Hoje temos a clara noção da importância desta fase para o processo de desenvolvimento do sujeito. A maneira como este é conduzido e reconhecido na infância refletirá na maneira como este conseguirá enfrentar as situações na fase adulta.

Sabe-se, também, que as atitudes e os comportamentos dos pais influenciam o comportamento dos filhos. A criança desenvolve seus padrões de pensamento e de conduta a partir da relação, principalmente com os pais e familiares.

Como aponta Mussen et al (1988), o comportamento da criança em desenvolvimento é resultado da influência de diversos fatores e muitos destes estão vinculados à relação desta com seus pais.



Todo ser humano nasce incompleto. Na medida em que vive, faz experiências e, aos poucos, vai se estruturando, desenvolvendo e constituindo-se.

Neste sentido, o papel dos pais é fundamental, pois, através do contato mais íntimo, das diferentes fontes de Carícias dadas a essa criança é que ela se sentirá pertencente à essa família e terá segurança e uma boa auto-estima para desenvolver sua autonomia.

Portanto, é fundamental em psicoterapia infantil, o trabalho de orientação dos pais, para que o tratamento seja mais efetivo. Esse procedimento propicia pensar a respeito da queixa apresentada e como esses pais estão lidando com o problema.

A relação saudável entre pais e filhos propicia o crescimento salutar e conseqüente desenvolvimento de um adulto ajustado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ÁRIES, P. **História Social da Criança e da Família**. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1975.
- BABCOCK, D. E e KEEPERS, T. D. **Pais Ok Filhos OK**. Circulo do Livro. São Paulo, 1976.
- BERNE, E. **Análise Transacional em psicoterapia**: Tradução de Lúcia Helena Cavasin Zabotto. São Paulo: Summus, 1985.
- CARVALHO, M. C.B. (Org). **A família Contemporânea em Debate** – Maria do Carmo Brant de Carvalho 9org) – São Paulo: Educ/ Cortez, 2002.
- CORDEIRO, S.S; COELHO, M.G.P. **Descortinando o conceito de infância na história: Do passado à contemporaneidade**. VI Congresso Luso- Brasileiro de História da Educação. Anais p. 882-889. Uberlândia, MG 2006. Disponível em <http://www.faced.ufu.br/columhe06/anais/pdf>. Acesso dia 29 de dezembro 2010.
- CROSSMAN, P. **Permissão e Proteção**. TAB, v. 5(19), Jan. 1976.
- ERSKINE, R.G. **Identificação e cura da extorsão de Carícias**. TAJ. Jan. 1980.
- KERTÉSZ, R. **Análise Transacional ao Vivo**. São Paulo: SUMMUS, 1985.
- KERTÉSZ, R. **Análise Transacional: Uma nova técnica em psicoterapia por Roberto Kertész e outros**. Trad. Instituo Eric Berne, Porto Alegre, Escola Superior de teologia. São Lourenço de Brindes/ Sulina, 1974.
- SCHLEGLE, L. **O que é Análise Transacional**. Revista Brasileira de Análise Transacional. Ano VII, n.º 1, junho 1997.
- LEVIN, E. **A infância em cena- Constituição do sujeito e desenvolvimento psicomotor**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- MUSSEN, P. H.; CONGER, J. J.; KAGAN, J.; HUSTON, A. C. **Desenvolvimento e personalidade da criança**. São Paulo: Ed. Harbra Ltda. 1988.
- STEINER, C. **Os papéis que vivemos na vida- Análise Transacional de nossas Interpretações Cotidianas**. Artenova, 1976.
- SZYMANSKI, H. **Práticas educativas familiares: a família como foco de atenção psicoeducacional**. Estud. psicol. (Campinas) [online]. 2004, vol.21, n.2, pp. 5-16. ISSN 0103-166X. doi: 10.1590/S0103-166X2004000200001. [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2004000200001&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2004000200001&lng=pt&nrm=iso) acesso 19 de fevereiro 2011.